



A INQUIETANTE ESTRANHEZADE UM CORPO EM O CORPO EM QUE NASCI DE GUADALUPE NETTEL

THE DISTURBING STRANGENESS OF A BODY IN O CORPO EM QUE NASCI BY GUADALUPE NETTEL

Flávia Andréa Rodrigues Benfatti¹
Universidade Federal de Uberlândia

Resumo: Este artigo discute as inquietações vividas por uma narradora ao não sentir habitar o corpo em que nasceu. O romance *O corpo em que nasci* de Guadalupe Nettel (2013) expõe os conflitos de uma menina que passa a infância e a adolescência, em crise, com um olho deficiente e as costas encurvadas, sentindo a estranheza desse corpo. Problematisa-se, neste texto, o impacto da colonialidade na configuração de corpos abjetos dentro da Matriz Colonial de Poder (MCP), relegando esses corpos à invisibilidade social. Adentro essa discussão na perspectiva de teóricos como Mignolo (2018), Hooks (2020), Lugones (2019). O objetivo deste artigo é, portanto, refletir sobre como a corporeidade, construção ocidental cristã eurocentrada, interfere na subjetividade do indivíduo e na forma depreciativa com que, muitas vezes, se enxerga havendo a necessidade de repensar essa visão a fim de descolonizá-la.

Palavras-chave: Corpo; Estranheza; Matriz Colonial de Poder; Colonialidade; Descolonizar.

Abstract: This article discusses the concerns experienced by a narrator for not feeling that she inhabits the body she was born with. The novel *O corpo em que nasci* by Guadalupe Nettel (2013) reveals a little girl's conflicts who spends her childhood and adolescence in crisis due to an eye injury and a hunched back by feeling the strangeness of her body. This text problematizes the impact of coloniality in the configuration of abject bodies in the Colonial Matrix of Power (CMP) relegating such bodies to social invisibility. I enter this discussion from the perspective of theorists such as Mignolo (2018), Hooks (2020), Lugones (2019). Therefore, the aim of this article is to reflect on how corporeity, a western Christian Eurocentered construction, interferes in the individual subjectivity and in the derogatory way one often sees it and the need to rethink this vision in order to decolonize it.

Keywords: Body; Strangeness; Colonial Matrix of Power; Coloniality; Decolonize.

¹ E-mail: escritoriorevisao@gmail.com.

O romance autobiográfico *O corpo em que nasci* (2013)², da escritora mexicana Guadalupe Nettel, traz as memórias de uma narradora que resgata sua vida desde os seis anos de idade até os dezesseis, encontrando-se em um divã de sua psicanalista, personagem invisível e neutra, apenas citada como doutora Szlavski. A narradora já adulta, com um filho de dez meses, conta como foram suas experiências familiares e no convívio social envolvendo a relação com o próprio corpo.

Trata-se de uma narrativa de memória autobiográfica já que os relatos da passagem da infância para a adolescência espelham a própria vida da autora, como consta no posfácio à obra escrito por Juan Pablo Villalobos.

A narrativa inicia-se com a personagem enunciando o fato de ter nascido com “uma auréola branca, ou o que os outros chamam de mancha de nascimento, sobre a córnea do meu olho direito” (Nettel, 2013, p. 13). Tendo que passar a infância fazendo exercícios para o olho, curativos e usando medicamentos, a personagem (não nomeada), não lida bem com o fato de possuir essa deficiência. Além disso, sabe-se corporalmente desengonçada (costas encurvadas), o que a conduz a mais séries de exercícios, além daqueles para os olhos. Segundo a narradora, seus pais eram bastante cuidadosos e achavam que os “defeitos de fabricação” tinham que ser corrigidos na infância:

Mas a vista não era a única obsessão em minha família. Meus pais pareciam tomar a infância como uma etapa preparatória em que devem ser corrigidos todos os defeitos de fabricação com que chegamos ao mundo e levavam essa tarefa seriamente. Lembro que uma tarde, durante uma consulta ao ortopedista – a quem faltavam os mínimos conhecimentos da psicologia infantil –, lhe ocorreu assegurar que meus músculos isquiotibiais eram curtos demais e que isso implicava minha tendência a encurvar as costas como se tentasse me proteger de alguma coisa. Quando vejo as fotos daquela época, me parece que a curvatura em questão era apenas perceptível nas poses de

² Título original: NETTEL, Guadalupe. *El cuerpo em que nació*. Barcelona: Anagrama, 2011. Para este artigo, utilizo a tradução do romance para o português.

perfil [...]. Mesmo assim, minha mãe adotou como um desafio pessoal a correção de minha postura, à que se **referia frequentemente como metáforas de animais**. De modo que, a partir de então, além dos exercícios para fortalecer o olho direito, incorporaram à minha rotina uma série de alongamentos para as pernas [...] (Nettel, 2013, p. 17-18, grifos meus).

De acordo com a passagem acima, o corpo da narradora vai ganhando formas em desalinho com o padrão corporal que a sociedade moderna capitalista hegemônica espera de um corpo. Apenas na fase adulta, quando narra seu passado, a protagonista se dá conta de que a curvatura de suas costas era apenas perceptível de perfil, ou seja, não seria necessário que houvesse uma preocupação excessiva em corrigir tudo o que fosse aparentemente desalinhado na menina a ponto dela, na infância, sentir-se inferiorizada, se aborrecendo com as metáforas de animais utilizadas por sua mãe.

Segundo Campello e Schmidt (2015):

O corpo é a matéria encarnada que nos constitui e que habitamos, a fronteira física que permite o reconhecimento de um existir no mundo enquanto experiência vivida de um eu singular, no contexto relacional com o(s) outro(s) corpo(s)-não eu (Campello; Schmidt, 2015, p. 9).

Nesse sentido, contrariamente ao “reconhecimento de um existir no mundo” por meio do corpo em que habita, a personagem não se sente confortável com o seu, não se reconhecendo nele. Vive sua experiência corpórea de forma negativa em seu “contexto relacional”. Sempre fora retraída e de poucas amizades, sentindo-se diferente da “normalidade” das pessoas. Como pontuado no excerto do romance, não apenas o olho a incomodava, mas também seu corpo “anormal”, tratado como “metáforas de animais” pela mãe que, “carinhosamente”, a chamava de “barata” ou “baratinha”:

Tanto parecia chamar a sua atenção em minha tendência ao recolhimento que acabou encontrando um apelido ou “nome carinhoso” que, segundo ela, correspondia perfeitamente à minha maneira de caminhar.

_____ Barata! – gritava a cada duas ou três horas –, arruma essas costas!

_____ Baratinha, é hora de colocar a atropina! (Nettel, 2013, p. 18).

De fato, esse apelido não a agradava muito, mesmo sabendo se tratar de um chamamento de carinho da mãe. Mais adiante, comentarei sobre esse constrangimento.

No trecho a seguir, ela traz o colégio como um espaço agradável dentro das circunstâncias de sua pouca visão, não com relação à sua interação com os colegas, que era meio tensa, já que eles se aproximavam dela para tentar entender o que havia por trás daquele curativo no olho cuja curiosidade os atraía tanto. Por outro lado, conta que, com um tato superdesenvolvido (já que a visão era pouca), adorava subir nas árvores daquele espaço e o fazia com facilidade, distinguindo “os galhos mais sólidos dos mais frágeis”:

De todos os cantos daquele lugar, meu favorito era uma árvore situada bem em frente ao meu prédio, cujos galhos alcançavam o apartamento onde morávamos. Tratava-se de uma aroeira muito antiga, enraizada sobre um montículo de rochas vulcânicas. Uma árvore espetacular pela largura de seu tronco e espessura de sua folhagem. A sensação que tinha ao trepar nela era de desafio e ao mesmo tempo de abrigo. Eu estava segura de que essa árvore jamais iria permitir que eu caísse de seus galhos e por isso os escalava até a copa com uma tranquilidade impressionante para os que me olham lá de baixo. Tratava-se de um lugar de refúgio onde não era necessário encurvar minhas costas para me sentir a salvo. Nessa época eu tinha necessidade constante de me defender do entorno (Nettel, 2013, p. 32-33).

Portanto, sua conexão com a natureza era algo prazeroso, sentia que devia explorar outros meios de sobrevivência. Mignolo (2018, p.162) discorre sobre algumas definições de natureza ao longo de alguns séculos que, sinteticamente, dizem de um princípio de vida, com poderes restauradores, com qualidades essenciais, com disposição inata. Nesse sentido, o teórico avalia que todo ser vivente, incluindo as plantas, possui um corpo, considerado por ele como um organismo vivo, com uma materialidade viva. Infere-se, portanto, que é nessa interação do corpo da menina com o “corpo” da árvore (materialidades vivas,

que se restauram) que a menina acalma sua inquietude e desfaz a nebulosidade do mundo. No trecho a seguir, referindo-se a uma outra árvore, a garota percebe claramente a segurança que ela a proporciona além de sentir seu corpo mais habitável junto ao da árvore, diferentemente ao que ocorria no contato com outras crianças:

De todos os cantos daquele lugar, meu favorito era uma árvore situada bem em frente ao meu prédio, cujos galhos alcançavam o apartamento onde morávamos. Tratava-se de uma aroeira muito antiga, enraizada sobre um montículo de rochas vulcânicas. Uma árvore espetacular pela largura de seu tronco e espessura de sua folhagem. A sensação que tinha ao trepar nela era de desafio e ao mesmo tempo de abrigo. Eu estava segura de que essa árvore jamais iria permitir que eu caísse de seus galhos e por isso os escalava até a copa com uma tranquilidade impressionante para os que me olham lá de baixo. Tratava-se de um lugar de refúgio onde não era necessário encurvar minhas costas para me sentir a salvo. Nessa época eu tinha necessidade constante de me defender do entorno (Nettel, 2013, p. 32-33).

A personagem, embora com problema no olho direito, ironicamente, em tenra idade já enxergava muito além de sua visão física. Possuía um “olhar” observador bastante apurado e curioso, de forma a interessar-se pela leitura no ensino fundamental, passando a escrever, naturalmente. Escrevia histórias nas quais os protagonistas eram seus companheiros de classe. Observa que “aqueles relatos eram minha chance de vingança e não podia desperdiçá-lo” (Nettel, 2013, p. 22). A professora então, percebendo sua vocação, realiza uma reunião literária. Ela é convidada a ler sua história, no entanto, certifica-se de que haja um adulto ao seu lado, pois acreditava que sofreria algum tipo de agressão na saída da escola. Para sua surpresa, as crianças a aplaudiram com entusiasmo e, a partir desse momento, a protagonista deixa de ser socialmente “oprimida”, embora entenda não estar fora da marginalidade.

Diante do exposto, observa-se, portanto, que é por meio do hábito da leitura e, conseqüentemente, da iniciação na arte da escrita literária que a garota

se sente menos excluída e como pontua Conceição Evaristo, em entrevista concedida à Biblioteca Nacional em 2015: “Eu escrevo porque, para mim, não há outra maneira de enfrentar, de suportar, de arrumar a vida, a não ser escrevendo. Enquanto escrevo faço da vida que me é apresentada o que quero”. Escrever se torna mais um refúgio da garota para enfrentar a vida – histórias anotadas em seus cadernos. Quando decide escrever sobre seus companheiros de classe, sente essa liberdade proporcionada pela escrita já que se encontra aprisionada em um corpo estranho.

Ainda criança, no contexto da década de 1970, no México, a narradora traduz a expressão de uma época. Cita um massacre ocorrido em 1968³ durante as Olimpíadas no México, símbolo de uma onda de repressão anunciada para a década seguinte, mas paradoxalmente, diz a narradora, era uma década que recebia sul-americanos de esquerda fugindo do fascismo de seus países para o México (essa era a explicação dada por sua mãe). Embora com esse prognóstico de tempos de repressão, seus pais viviam a liberdade que vinha ao encontro dos respingos do movimento *hippie*, surgido na década anterior nos EUA, espalhando-se mundo afora. Eles então, falavam abertamente sobre sexo com as crianças – “uma educação sexual livre de tabus e repressões de qualquer índole” (Nettel, 2013, p. 26). No entanto, essa educação precoce, para a narradora, criava desassossego mental, segundo descreve, até que experiencia, pela primeira vez aos seis anos, a masturbação nas escadas do condomínio de prédios onde residia com os pais:

³ O Massacre de Tlatelolco, ocorrido em 02 de outubro de 1968, na Praça das Três Culturas na Cidade do México, deveu-se à uma invasão militar na Universidade Nacional Autônoma do México (UNAM). Nesse dia, após a invasão, estudantes protestaram na citada praça e os militares os cercaram e dispararam contra eles. Havia cinco mil estudantes e trabalhadores. Centenas foram brutalmente assassinados. Ações repressivas por parte do governo autoritário e antidemocrático de Gustavo Díaz Ordaz já vinham ocorrendo desde maio do mesmo ano, quando também houve protestos mundo afora pelos direitos humanos e liberdades políticas.

As escadas do meu prédio tiveram um papel em minha educação que meus pais nunca suspeitaram. Tratava-se de um lugar fresco e solitário, iluminado somente o indispensável por umas janelas de blocos de vidro. Nelas, quase por acaso, alcancei uma descoberta importante relacionada ao meu corpo [...] Uma das minhas brincadeiras favoritas consistia em subir aos pulos, de dois em dois, os degraus de barro e descer deslizando o corrimão de ferro [...] Era como uma cócega, bem acima de meio das pernas, que exigia repeti-lo uma e outra vez, cada vez mais rápido. Tudo era contrastante: a sensação de estar escondida ali, ao abrigo dos olhares, e ao mesmo tempo, o perigo de que alguém passasse e me encontrasse entregue a este jogo que adivinhava inadequado; o gelado do corrimão e o calor da fricção provocavam em meu corpo um calafrio viciante. Aquelas sensações me abriram, em questão de segundos, as portas do mundo paradisíaco do onanismo [...] (Nettel, 2013, p. 34-35).

A garota bastante empolgada com essa experiência de prazer nas escadas comenta “inocentemente” com a mãe, e a mãe, não gostando muito da ideia, na contramão do que proferia, pede a ela que faça isso no quarto, onde dorme com o irmão. Ela obedece em parte, pois não deixa de ir às escadas, às escondidas. Nesse sentido, para Britzman (2001) “a sexualidade não segue as regras da cultura, mesmo quando a cultura tenta domesticar a sexualidade” (p. 89). Assim, a garota, iniciada nesse prazer aos seis anos “sucumbia a uma espécie de desejo pelos móveis, os braços de uma poltrona, a borda da mesa, a beirada da pia, os tubos de metal que sustentavam o balanço” (Nettel, 2013, p. 36). Percebe-se que, embora a narradora fosse ensimesmada e antissocial, devido à não compreensão de um corpo estranho que habitava, ela não tinha problemas em lidar com sua sexualidade precoce, nem tampouco deixou sua sexualidade ser domesticada. Uma vez descoberta essa forma de prazer, a garota se jogava nessa força que a compelia. Britzman (2001) observa, a partir de Driscilla Cornell (1995), que na sexualidade há uma ordem como o “domínio do imaginário”, ou seja,

aquele espaço psíquico de desejo proliferante, no qual “nosso sentido de liberdade está intimamente ligado à renovação da imaginação, à medida em que nos reconciliamos com o que somos e com o que desejamos ser como

seres sexuados”. Isso traz a viagem de volta ao corpo: não temos que ir muito longe para imaginar algo que seja diferente disso. Na verdade, tudo o que temos que fazer é imaginar. Com esta ideia, podemos começar a ver que a sexualidade permite desenvolver nossa capacidade para a curiosidade. Sem a sexualidade não haveria qualquer curiosidade e sem curiosidade o ser humano não seria capaz de aprender (Britzman, 2001, p. 89).

O fato de a garota ter problemas com seu corpo, mas não com sua sexualidade, pode estar relacionado à educação sexual livre, dada pelos pais. Nesse caso, o corpo estranho em que habitava não impunha limites ao seu prazer sexual. Seus refúgios, quando estava só, eram, portanto, a masturbação, as leituras, a escrita, além da árvore e, posteriormente o futebol. Digamos que esses pequenos prazeres aos quais se dava, seriam a força que a impulsionava para continuar (re)existindo.

Em dado momento, os pais da narradora aderem ao relacionamento aberto devido à crença de ambos na liberdade sexual. A menina vê, nesse acordo, algo prejudicial para a família, e pontua que nem ela nem o irmão foram informados sobre ele. No fim, o casal acaba por separar-se. A partir daí começa uma fase bem complicada na vida da protagonista. As crianças, então, permanecem morando com a mãe, na mesma casa onde moravam os quatro. No presente da narrativa, a menina agora mulher e mãe, relata para a psicanalista que deveria ter “armado um escândalo” à época da separação dos pais pois hoje acredita ser sua atual patologia, decorrente de sua omissão diante daquele acontecimento. Por mais que a mãe fosse muito presente, carinhosa e sensível, não conseguiu ajudar a filha a se “libertar” dos pesos carregados, pior, a menina contraiu mais um fardo:

Minha mãe estava decidida a deixar para trás todas as suas inibições e a impedir que nós adquiríssemos as nossas. Para isso, organizava em casa atividades lúdicas nas quais devíamos **mover o corpo ao compasso da música** ou modelar com barro e depois nos lambuzar com ele **nosso corpo nu**. Bastava me interagir uns quinze minutos para compreender que, em

meu caso, seus esforços foram em vão, se não contraproducentes. Por outro lado, nunca deixei de escrever [...] (Nettel, 2013, p. 46, grifos meus).

Primeiramente, apesar de a mãe (e o pai) terem sido sempre liberais, conversando sobre sexualidade com os filhos, como já pontuado, ambos evitavam que as crianças presenciassem conversas ou cenas impróprias para suas idades. Por isso, no trecho supracitado, a garota mostra que a mãe deixou para trás “todas as suas inibições”. Em segundo lugar, o trecho traz “esforços contraproducentes”, ou seja, a proposta da mãe de movimentação dos corpos nus não deixou a protagonista à vontade, embora todo o aparato lúdico da mãe. Havia o constrangimento social de seu corpo, por não o aceitar; porém, a sós consigo mesma, ela conseguia abrir um espaço de refúgio para esse corpo estranho, por meio, então, da masturbação.

Segundo Paula, “o corpo é uma construção discursiva carregada de simbologias de valor positivo ou negativo que adquirem significados políticos em contextos específicos” (Paula, 2015, p. 24). Nesse sentido, a partir de um modelo colonizador, ainda presente no século XX/XXI (a narrativa de Nettel se passa na década de 1970) o padrão de beleza “imposto” não condiz com deformidades corporais ou cor de pele não-brancas. Por isso, há um peso social em cima de corpos “outros”, desde o nascimento.

Nessa linha de raciocínio, o corpo belo, ideal, pensado e racionalizado pela Matriz Colonial de Poder⁴ traz uma versão de corpos dentro de uma estrutura de compreensão binária: feio x bonito, socialmente aceito x socialmente execrado e assim por diante. Portanto, essa visão classificatória tem corroborado visões estereotipadas de corpos fixados na história como ideais de uma noção pré-estabelecida do “corpo perfeito”.

⁴ Segundo Walter Mignolo, a Matriz Colonial de Poder, “criada por uma minoria da espécie humana, comanda a vida da maioria da espécie humana” (Mignolo, 2018, p.114, tradução minha), se refere ao padrão de poder criado pelos europeus para controlar os modos de ser, viver, sentir, saber, etc. dos povos globais considerados subalternos.

Um outro acontecimento que novamente desestabilizou a protagonista foi quando a mãe se mudou para a França, após ganhar uma bolsa do governo francês para realizar um doutorado. O pai, já nem tão presente na vida das crianças, fora para San Diego, nos Estados Unidos e depois, preso. Esse último fato é revelado mais adiante e a história contada às crianças é que ele havia apenas se mudado para os Estados Unidos. Diante dessas separações, as crianças ficam no México, no apartamento onde sempre moraram, com a avó materna. Uma etapa de suplício se inicia para a garota a partir de então. A avó é, segundo a menina, o contrário do que os pais foram até então para ambos, preconceituosa e repressora:

Além de seus preconceitos de gênero, a avó criticava constantemente minha forma de andar e a maneira como se movia meu corpo. Perto dela, a atitude corretiva de minha mãe, parecia brincadeira de criança. Mesmo que nunca tinha dito uma palavra ofensiva sobre minha visão escassa, criticava constantemente a postura deselegante com que antes minha mãe havia se preocupado. Segundo ela, sobre minhas costas estava se formando uma corcova já não semelhante à de uma barata, mas sim à de um dromedário [...] Também a consciência de meu cabelo ondulado, muito parecido, diga-se de passagem, ao que ela mesma teve na juventude, lhe parecia desalinhada cada vez que eu não mostrava alisada e recolhida. Até minha forma de falar era constantemente censurada por ela (Nettel, 2013, p. 62-63).

Percebe-se como a avó acha uma maneira de criticar a garota por todos os meios, fazendo com que a menina se retraia ainda mais. Somada às características anteriores, a matriarca ainda é patriarcal, ou seja, para ela, os papéis de gênero devem ser bem definidos, assim como apregoa as sociedades ocidentais patriarcais:

Nesse universo (referindo-se ao universo da sua avó que considera ter voltado ao século XIX) se impunham algumas leis totalmente arbitrárias, ao menos no meu entender, e que demorei meses para assimilar. Várias delas, por exemplo, se baseavam em uma suposta inferioridade das mulheres em relação aos homens. Segundo sua visão das coisas (visão da avó), a obrigação principal de uma menina – antes mesmo que assistir às aulas – era ajudar na

limpeza do lugar. As mulheres deviam, além disso, vestir-se e se comportar “adequadamente”, à diferença dos homens, que podiam fazer o que tivessem vontade (Nettel, 2013, p. 61, parênteses meus).

Muitas mulheres ainda corroboram a perpetuação do patriarcado, sustentado pela Matriz Colonial de Poder, pensando e agindo da forma como a avó é retratada no excerto acima. Sobre isso, b. Hooks (2020) afirma que mulheres foram submetidas à uma lavagem cerebral, a uma doutrinação a fim de que ajudassem a manter o “imperialismo sexual do patriarcado”. A autora trata da sociedade estadunidense, mas isso também vale para a América Latina como um todo. Segundo Hooks (2020, p. 195), “uma medida do sucesso dessa doutrinação é o fato de que nós perpetuamos, tanto consciente quanto inconscientemente, os próprios males que nos oprimem”.

Diante dos comportamentos da avó, a menina torna-se tristonha e calada, buscando no jogo de futebol com os meninos do prédio, mais um refúgio para seus conflitos pessoais. A avó abomina a ideia pois futebol é coisa de menino. Assim, com a partida da mãe, na mesma medida em que a garota se interessa pelo futebol, ela se desinteressa pelos seus escritos, mas se apega nas leituras. Dentre suas leituras favoritas estão contos de Edgar Allan Poe e Franz Kafka. Relata sua identificação com a personagem Gregor Samsa, do escritor tcheco. Gregor Samsa, um belo dia, ao acordar, se vê metamorfoseado em um inseto asqueroso. Da mesma forma que Gregor, a protagonista de Nettel sente essa mesma metamorfose:

Me identificava por completo com o personagem d’*A metamorfose*, a quem ocorreu algo semelhante em minha história. Eu também tinha me levantado uma manhã com uma vida diferente, **um corpo diferente** e sem saber muito bem no que tinha me convertido. Em nenhum lugar do relato diz exatamente que inseto era Gregor Samsa, mas eu presumi muito rápido que se tratava de uma **barata**. **Ele havia se convertido em uma enquanto eu o era por decreto materno, senão desde meu nascimento**. Após a leitura desse livro, me pus a investigar no colégio sobre esta espécie e descobri seu extravagante pedigree, com o qual não muitas pessoas ao meu redor pareciam inteiradas.

Assim como os reis da Espanha descendem dos Bourbon, as baratas descendem das trilobitas, os mais antigos povoadores do planeta. Tinham sobrevivido a mudanças climáticas, às piores secas e também a explosões nucleares. Sua sobrevivência não implica que desconhecem o sofrimento, senão que tinham sabido superá-lo [...] como ele (a personagem de Kafka) eu também **causava certa repulsa entre meus colegas**. As crianças são muito perceptivas e distinguem claramente o **cheiro de infelicidade que exsudava meu corpo** (Nettel, 2013, p. 102,103, grifos meus, parênteses meus).

Percebe-se, na citação acima, que a narradora de *O Corpo em que Nasci* volta a referenciar o inseto “barata”, lembrando ser chamada assim por sua mãe ou pior, ter “nascido uma barata”. Ela novamente faz menção ao seu corpo estranho e ao repúdio que sabia vir dos colegas de escola pelo seu corpo trazendo um “cheiro de infelicidade”. Com a certeza de que Gregor Samsa era realmente uma barata, assim como ela, a garota não hesita em pesquisar sobre o pedigree desse inseto. Descobre então que a barata foi capaz de sobreviver, apesar de todas as vicissitudes. Assim, supõe-se que a protagonista irá um dia superar todo esse sofrimento também.

Essa distorção da aparência, apresentada pela narradora-autobiográfica, e todo o sofrimento dela advindo tem a ver como processo de colonialidade de poder (Quijano, 2000) implantado nas Américas Central, do Sul e Caribe, como forma de dominação a partir da ideia de raça (branca dominante x outras – conquistador x conquistados). Concomitante à colonilidade de poder, outras formas de colonialidade (do ser, do saber, do sentir, etc.) fazem parte do repertório de dominação colonial desde a era moderna (a partir do século XVI), com o “descobrimento” da América, até a atualidade. O ser, os saberes, o sentir são construções eurocêntricas que visaram e ainda visam homogeneizar povos, culturas, e até formas de sentir. Para Mignolo (2018), a América não foi descoberta, mas sim “inventada” pelos europeus:

O primeiro momento de ocidentalização se efetuou em torno da invenção da América; ou seja, todo um continente foi simbolicamente, militarmente,

economicamente, politicamente, racialmente, sexualmente, esteticamente e subjetivamente inventado. Isso afetou a subjetividade tanto dos europeus quanto das ex civilizações astecas, maias, incas, iroquês [...] (Mignolo, 2018, p. 128, tradução minha)⁵.

Com isso, o teórico quer dizer que os discursos eurocentrados privilegiam a forma europeia e, portanto, universalista de lidar com subjetividades em detrimento de outras formas, as apresentadas pelo “SulGlobal”, antes chamado de Terceiro Mundo (Mignolo, 2018). Dessa maneira, uma visão estereotipada sobre o funcionamento da América se fez presente e ainda se faz. Essa visão se estende à sexualidade e, conseqüentemente, à forma como o corpo é construído por um padrão único de “verdade” e “beleza”. Dentro da Matriz Colonial de Poder, discriminações, injustiças e preconceitos surgem com relação àqueles que não se enquadram nessa matriz. O padrão de beleza europeu/norte-americano (após a Segunda Guerra Mundial, os EUA são também parte dessa matriz de poder, embora situados na América), considera corpos “outros” tais como o corpo negro, ameríndio, latino, com deficiência, como corpos fora do “normal” por não seguirem a classificação e padronização hierárquica da matriz. São, por isso, socialmente rechaçados.

Além das colonialidades mencionadas acima, Maria Lugones ainda teoriza sobre a “colonialidade dos gêneros”. A teórica utiliza o termo gênero no plural por entender que o termo não se refere apenas à “mulher”, no sentido binário homem-mulher (Lugones insere as travestis e mulheres trans no gênero feminino, por exemplo). Dessa forma, a estudiosa (2019) afirma que

uso o termo *colonialidade* para nomear não apenas uma forma de classificar pessoas através de uma colonialidade do poder e dos gêneros, mas também

⁵ The First moment of westernization evolved around the invention of America; that is, a whole continent was invented symbolically, militarily, economically, politically, racially, sexually, aesthetically, and subjectively. It affected the subjectivity of both Europeans, and former civilizations of Aztecs, Mayas, Incas, Iroquois [...] (Mignolo, 2018, p. 128).

para pensar sobre o processo ativo de redução das pessoas, a desumanização que as qualificam para a classificação, o processo de subjetivação, a tentativa de transformar o colonizado em menos que humano [...] a colonialidade dos gêneros nos permite ver os seres históricos apenas de maneira unilateral – como oprimidos [...] (Lugones, 2019, p. 361-362).

Com tudo isso, infere-se que no romance de Nettel (2013) a personagem-narradora-protagonista-autobiográfica parece sentir esse peso colonial, desumanizador, marcado em seu próprio corpo e no espaço sul (México) onde vive. Sente-se como um “inseto”, portanto, oprimida e desumanizada.

Após dez meses na França, já estabelecida, a mãe retorna para buscar os filhos. A narradora declara ter se surpreendido com a presença da mãe, pois não acreditava em sua volta. Percebe mudança na mãe, “mais solta, mais desenvolta” enquanto ela ainda lutava com seu corpo, agora, com os mamilos aparecendo.

Residindo no Sul da França, a garota descobre, no prédio onde mora, umas escadarias que davam para o segundo andar e, repetindo a experiência no México, utiliza-as para “explorar seu corpo”. Esse fato mostra uma primeira tentativa, em solo estrangeiro, de encontrar seus “escapes” de uma vivência corporal incrédula.

Na escola onde cursa o ensino fundamental, a narradora informa ter havido uma “fauna étnica”. Ela e o irmão éramos únicos latinos e sua origem mexicana despertava a curiosidade das crianças:

Nossa origem mexicana parecia despertar a curiosidade das crianças dessa escola. Quando havia oportunidade, nos perguntavam **se em nosso país se seguia usando penachos, se vivíamos em pirâmides ou se já nos acostumamos a usar automóveis**. Eu contava de tudo para impressioná-los. Dizia a eles, por exemplo, que havia poucos automóveis e que muitas vezes era necessário usar um elefante para chegar à escola (Nettel, 2013, p. 124, grifos meus).

Percebe-se, no trecho supracitado, que a garota busca uma saída irônica e perspicaz para as desinformações e desinteresse educacional (em se tratando da

educação eurocêntrica) por outras culturas. É como se ela, latina, fosse uma extraterrestre. As diferenças coloniais imperam na convivência entre povos de diferentes etnias/raças/culturas. Segundo Mignolo (2018):

As diferenças coloniais estabelecem hierarquias e um diferencial de poder – dos Mouros aos Judeus na Europa aos Negros e aos Índigenas no Novo Mundo; das bruxas da Europa medieval à invisibilidade das mulheres não-europeias. Mas não apenas pessoas foram classificadas; regiões também o foram (Mignolo, 2018, p. 179, tradução minha)⁶.

Essa classificação faz com que povos e locais não europeus sejam vistos com estranhamento, como apontado no romance, no excerto anterior ao de Mignolo: o uso de penachos, a vida em pirâmides, dentre outros. Sabe-se que o penacho faz parte da cultura indígena e é muito valiosa cada história da indumentária dos povos nativos, no entanto, a falta de conhecimento e interesse pelas culturas desses povos faz os europeus e suas crianças se equivocarem com relação a esses saberes. Quanto às pirâmides, os Astecas (civilização pré-colombiana na região do México) construíram templos em formato de pirâmide e ainda há algumas ruínas. Com isso, observa-se que o Norte Global (EUA e Europa), em geral, não se interessa por culturas “outras” ou ainda, sabem da existência da América como um continente de exploração. A falta de informação e o (des)conhecimento dos povos colonizadores com relação à essas outras culturas fez com que tais civilizações fossem consideradas inferiores à deles.

Terminado o ensino fundamental, a garota inicia o ensino médio em outra escola francesa e conta que

⁶ Colonial differences establish hierarchy and a power differential – from the Moors and the Jews in Europe to the Blacks and the Indians in the New World; from witches in medieval Europe to the invisibility of non-European women. But not only people were classified; regions were classified as well (Mignolo, 2018, p. 179).

nessa escola, os professores já não eram progressistas e liberais, muito pelo contrário. Tratavam de impor a todo custo uma disciplina férrea para mitigar o ambiente insubmisso e violento que reinava entre os estudantes. Eu tinha então doze anos. Não tinha acabado de assimilar a metamorfose a que meu corpo havia sido submetido. Minha roupa era antiquada e meu corte de cabelo mais parecido com Spike Lee que com Madonna (o modelo de beleza seguido pelas meninas da minha classe) (Nettel, 2013, p. 126).

Novamente a relação estranha com o corpo, já na pré-adolescência, não se enquadra nos padrões de vestimenta da cultura capitalista ocidental branca. Assim segue a personagem em mais um período de nova adaptação a um espaço não familiar, por meio de um corpo, ainda não familiar também. A narradora discorre sobre como se encontra seus olhos nesse momento e, a partir deles, o sentimento de uma “fora-da-lei” no colégio:

O efeito corretivo do curativo tinha dado resultados sobretudo ao que se refere ao estrabismo. Graças a ele, durante quase dez anos meus olhos estiveram alinhados. Entretanto, quando deixei de colocá-lo, o olho foi se acostumando às delícias da preguiça e, cada vez mais atrofiado, se aproximava do nariz com uma languidez exasperadora. Obrigá-lo ao movimento iria requerer que eu tapasse o olho trabalhador e, portanto, que se infligisse a mim mesma aquilo que tinha tanto detestado e sofrido durante a primeira infância. Devia então escolher entre a disciplina do suplício em prol de uma normalidade física – que de toda forma jamais seria absoluta – ou a resignação. Pelo contrário, meu olho esquerdo se empenhava em captar a maior visão possível sem a ajuda de ninguém. Esta atividade frenética lhe produzirá um movimento de tremor, conhecido com o nome de nistagmo, que as pessoas interpretavam como insegurança ou nervosismo. Nem os nerds chegavam perto de mim. Outra vez tinha voltado a ser uma *outsider* – se é que alguma vez tinha deixado de sê-lo (Nettel, 2013, p. 127).

Ainda, na escola, a narradora descreve o ambiente, um tanto quanto nocivo, entre pessoas de várias nações já que a mistura étnica gerava competições e violências físicas e simbólicas:

Havia, portanto, muita frustração no ambiente daquele colégio, a mesma que, ao menor descuido, se transformava em violência verbal e física. O refeitório da escola era o lugar privilegiado para as afinidades pessoais,

raciais ou de idade que pudesse haver entre nós [...] Minha mesa, por exemplo, permaneceu todo o ano sob a autoridade de Cello, um jovem italiano de olhos azul-celeste cujo sobrenome pronunciávamos “Sheló” e que se divertia atormentando os mais jovens e menos espertos. Constantemente pegava minha sobremesa ou os pedaços de queijo que me correspondiam (Nettel, 2013, p. 129).

Percebe-se claramente, no extrato acima, um exemplo da colonialidade de poder na figura do garoto branco, de olhos azuis, europeu que se vê superior a outras raças/etnias construídas pelo colonialismo como inferiores. Há uma clara relação de poder na qual o mais forte (o branco capitalista europeu) se impõe sobre outros tidos como mais vulneráveis em termos de gênero, raça/etnia e classe.

No relato a seguir, a narradora comenta sobre o convívio um tanto desafiador com os imigrantes no colégio, local onde passava a maior parte do tempo:

Aos doze anos, o tempo passa ainda muito lentamente. Mesmo que eu viesse de uma família instruída e bem acomodada, o fato de conviver vários anos com imigrantes pobres, sendo eu mesma um imigrante pobre, de cultura e língua diferentes dos locais, fez com que acabasse me identificando com essa nova condição e também com o ambiente (Nettel, 2013, p. 130).

Esse aspecto tratado pela protagonista, com respeito à adaptação à convivência com outras línguas e culturas, está relacionado ao conceito de interculturalidade, uma forma desafiante de negociação com uma cultura diferente da sua, mas ao mesmo tempo, conectado com a bagagem que se traz da própria cultura. Nesse sentido,

A interculturalidade [...] sugere um processo permanente e ativo de negociação e interrelação no qual as diferenças não desaparecem. Tudo o que é sociocultural, ancestral, político, epistêmico, linguístico e baseado na

existência é consolidado em termos coletivos e comunitários (Mignolo, 2018, p. 59, tradução minha)⁷.

E como concluído pela protagonista: “Embora tivéssemos mais de um ano de França, o México seguia sendo onipresente em nossas vidas” (Nettel, 2013, p. 131).

Após o doutorado, a mãe e os adolescentes retornam para o México. De volta, a garota passa por muitas outras atribuições, sem deixar de estranhar seu corpo. Se envolve com drogas, mas logo deixa o vício e retoma sua escrita – estagnada desde a época em que a mãe havia ido para a França sozinha. Nesse meio tempo também, a mãe leva a filha para consultas em um especialista nos Estados Unidos para fazer cirurgia no olho, no entanto, após vários exames, o médico acaba por desaconselhar a operação. A partir desse diagnóstico, a protagonista começa a perceber que algo diferente havia acontecido com ela e que não voltaria para a Cidade do México sendo mais a mesma pessoa:

Nessa semana e meia aconteceu uma mudança importante em mim, embora não fosse perceptível de maneira imediata. Meu olho e minha visão continuaram os mesmos, mas agora olhavam diferente. Afinal, depois de um longo périplo, **decidi habitar o corpo em que tinha nascido**, com todas as suas particularidades. No final das contas era o único que me pertencia e me vinculava de forma tangível com o mundo, ao mesmo tempo em que eu me permitia distinguir-me dele (Nettel, 2013, p. 212, grifos meus).

Como a própria narradora avalia, após uma luta dolorosa contra a estranheza de seu corpo, passa a aceitá-lo e a habitá-lo de forma a compreender que o corpo possui um vínculo veríssimo com a realidade e que ele, ao deixar

⁷ Interculturality [...] suggests a permanent and active process of negotiation and interrelation in which difference does not disappear. Sociocultural, ancestral, political, epistemic, linguistic, and existence-based is affirmed in collective and community-based terms, and understood as contributive to the creation of new comprehensions, coexistences, solidarities, and collaborations (Mignolo, 2018, p. 59).

esse mundo, não é o mesmo em que nasce, ou seja, percebe o corpo como um lugar não fixo e que vai mudando com o tempo, somando cicatrizes numa ordem natural da existência corpórea.

Assim, a menina-mulher finalmente entende caber apenas a ela fazer algo por si própria para se libertar das amarras que a prenderam na infância e adolescência. Walter Mignolo (2018) pondera que

o futuro não existe e nem o passado. Nós todos, no planeta, vivemos em um constante e flutuante presente carregando o fardo do passado e as esperanças para o futuro (Mignolo, 2018, p. 115)⁸.

Nesse sentido, a protagonista percebe que (re)existir, hoje, é preciso. Reconstruindo o passado por meio da memória e sanando suas dores, o presente pode ser transformado. Descolonizar poderes, saberes, sentimentos sobre subjetividades e corpos é a base para a (re)descoberta de um outro “eu” reconstituído a partir do que foi destituído pela Matriz Colonial de Poder. Portanto, com um olhar crítico sobre a história do passado ocidental euro cristão que “inventou” a América e colonizou seres, saberes, corpos, etc. é possível pensarmos em uma saída decolonial, ou seja, desligando-se de velhas imposições acerca das epistemologias colonizatórias para reconstituir um presente e um futuro a partir de reflexões e ações em favor de vidas mais dignas, pois todo corpo e toda subjetividade importam.

REFERÊNCIAS

BRITZMAN, Deborah. *Curiosidade, Sexualidade e Currículo*. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. In: LOURO, Guacira Lopes (org.). **O Corpo Educado**. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

⁸The Future doesn't exist, and neither does the past. We all, on the planet, live in a constant and always fluctuating present carrying the burden of the past and the hopes for the future (MIGNOLO, 2018, p. 115)

CAMPELLO, Eliane; SCHMIDT, Rita Terezinha. Corpo e Literatura. **Revista Ilha do Desterro**, v. 68, n. 2, p.9-14, 2015.

EVARISTO, Conceição. Entrevista com Conceição Evaristo. [entrevista concedida por email a Biblioteca Nacional]. **Biblioteca Nacional**, 2015. Disponível em: <https://www.bn.gov.br/es/node/1774>. Acesso em: 12/10/2020.

HOOKS, bell. **E eu não sou uma mulher?** mulheres negras e feminismo. Trad. Bhuvi Libanio. 3. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2020.

LUGONES, María. Rumo a um feminismo decolonial. Trad. Ana Cecília Acioli Lima et al. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (org.). **Pensamento Feminista: conceitos fundamentais**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019, p. 357-377.

MARTINS, Carlos Eduardo. Tlatelolco, Massacre de. Disponível em: <https://latinoamericana.wiki.br/verbetes/t/tlatelolco-massacre-de>

MIGNOLO, Walter; WALSH, Catherine E. **On Decoloniality: concepts, analytics, praxis**. Durham: Duke University Press, 2018.

NETTEL, Guadalupe. **O Corpo em que nasci**. Trad. Ronaldo Bressane. Rio de Janeiro: Rocco, 2013.

PAULA, Claudemir da Silva. **“Negra sem reticências”**: corpo e corporeidade na poesia de escritoras afro-brasileiras. São José do Rio Preto: 2015. 186f. Tese (Doutorado em Letras – Teoria da Literatura) – Universidade Paulista Júlio de Mesquita Filho, UNESP, São José do Rio Preto.

QUIJANO, Aníbal. **Coloniality of Power, Eurocentrism, and Latin America**. Neplanta: Views from the South Journal. volume 1, Issue 3. Durham: Duke University Press, 2000, p. 533-580.

RIBERTI, Larissa Jacheta. **Tlatelolco em 1968**: a construção da memória do movimento estudantil e da luta pela democratização no México contemporâneo. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH • São Paulo, julho 2011

Nota do editor:

Artigo submetido para avaliação em: 20 de abril de 2023.

Aprovado em sistema duplo cego em: 20 de junho de 2023.